

EDITORIAL

O grande educador Anísio Teixeira costumava afirmar em tom de blague que os baianos eram ágrafos, ironizando então o que considerava a pouca disposição dos seus conterrâneos para escrever, ou escrever pouco. Entre os intelectuais que se fizeram parceiros e próximos ao Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC podemos inserir neste perfil o professor Renato Ferraz que coordenou o Projeto Canudos nos idos de 1980 e era possuidor de vasto conhecimento e privilegiadas informações sobre o tema, assunto ao qual se referia por prolongado tempo, quando inquirido, ele que era um homem de prosa fluente e atrativa.

Ao relançarmos a Revista Canudos no tempo em que celebramos os 110 anos do Conflito de Maceté, popularmente conhecido como o “Fogo do Viana”, incidente ocorrido no dia 26 de maio de 1893 e, também, da Fundação de Canudos – rebatizada Bello Monte por Antônio Conselheiro – que por lá descansou as alpercatas em junho do mesmo ano, contemplamos a tradição oral, a fala e a memória dos bons proseadores, não deixando de incluir a produção acadêmica escrita e vazada no português culto como manda a boa regra.

Variamos igualmente na temática sem abandonar os cinzentos territórios sertanejos, hoje castigados por estiagem duradoura. Dialogamos com o cangaço, cuja escritura histórica povoa a memória e o imaginário do povo das caatingas, por vezes assombrado com a violência que permeia a trajetória dos bandos cangaceiros, por outras encantado com a valentia e a vida aventureira de homens e mulheres que percorreram o chão de sete estados nordestinos durante mais de duas décadas.

Entendemos que uma publicação universitária deve sim encaminhar-se prioritariamente a comunidade discente e docente, técnicos e pesquisadores da Universidade, sem descurar, contudo, das comunidades onde o fazer universitário está estabelecido, no caso específico da UNEB, em significativa parte do Semiárido baiano, palco de acontecimentos históricos relevantes e espaço imantado por manifestações culturais múltiplas, coloridas e vivazes ou mesmo sombrias na contrição religiosa que caracteriza a fé sertaneja.

Retomar esta publicação e levar ao público leitor a produção de pesquisadores e escritores, incluindo a poesia popular, nos parece vital para que a Universidade se reconheça onde se estabeleceu. Aqui não será o narciso rejeitando o que não é espelho, ao contrário, teríamos certamente no futuro estudantes, professores, funcionários e gestores, reforçados na geração do saber e na sua organização, por laços identitários dinâmicos e renovados.

É importante ressaltar também a partir desta edição adotamos nova legenda bibliográfica, recomendada pela ABNT NBR 6021:2003, que identifica adequadamente cada fascículo de publicações periódicas científicas impressas.

Deixo para que os leitores descubram os textos e autores aqui presentes quando da leitura da Revista, alguns velhos conhecidos, outros que pela primeira vez nos deram a honra das suas colaborações. Muito grato.

Agradecimentos endereçamos ao Magnífico Reitor da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Prof. Lourivaldo Valentim, que exercendo a sua autoridade soube ser nosso parceiro, a professora Nadja Nunes, Diretora da Editora da UNEB - EDUNEB, amiga sincera do CEEC, generosa e sempre atenta as nossas demandas e convites. Estendemos nossa gratidão a professora Monica Teixeira Amorim, incansável na coleta e organização dos textos.

Finalizamos homenageando a memória dos professores Renato Ferraz, José Calasans e Consuelo Novaes Sampaio, imersos nos imensuráveis arquivos celestes, azuis como a terra é azul. Em Canudos nos deixaram Gilberto Guerra e a professora Regina, mas estão conosco envoltos na finíssima crisálida que envolve as nossas lembranças.

Salvador, outubro de 2013.



Manoel Neto
Coordenador do CEEC